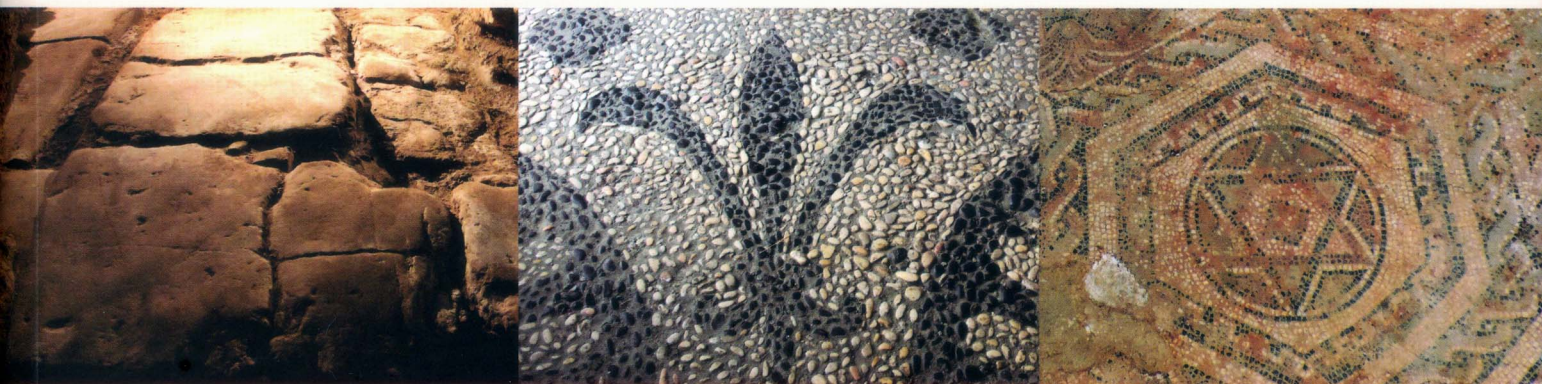


DEBAIXO DOS NOSSOS PÉS

Pavimentos Históricos
de Lisboa



Exposição

ORGANIZAÇÃO

Museu de Lisboa, EGEAC, E.M.

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Fernando Medina

VEREADORA DO PELOURO DA CULTURA

Catarina Vaz Pinto

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA EGEAC

Joana Gomes Cardoso, Lucinda Lopes,
Manuel Veiga

DIREÇÃO DO MUSEU DE LISBOA

Joana Sousa Monteiro

COMISSÁRIOS

Lídia Fernandes, Jacinta Bugalhão,
Paulo Almeida Fernandes

PROJETO EXPOSITIVO

Célia Anica. arquitectura, arte & design

DESIGN GRÁFICO

Sónia Teixeira Pinto

RESTAURO E CONSERVAÇÃO DE MATERIAIS

Archeofactu, Arqueologia e Arte

TRADUÇÃO

Carolina Grilo

MONTAGEM

A.S. Pinheiro, Ld.^a

EMPRÉSTIMO DE PEÇAS

Arquivo Municipal de Lisboa
Unidade Territorial Oriental CML
Departamento de Formação e Desenvolvimento CML
Regimento de Sapadores Bombeiros
Padrão dos Descobrimentos
Museu Alfredo Bensaúde e Museu Décio Thadeu
do Instituto Superior Técnico
Museu Nacional de Arqueologia
Faculdade de Ciências da UL – Instituto D. Luiz
Câmara Municipal de Mafra
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva
Era Arqueologia, Conservação, Gestão e Património SA
Neoépica - Arqueologia e Património Ld.^a
Consórcio Empatia, Arqueologia e Património
e Império Arqueologia

Catálogo

ORGANIZAÇÃO

Museu de Lisboa, EGEAC, E.M.

EDIÇÃO

Museu de Lisboa

COORDENAÇÃO

Lídia Fernandes, Jacinta Bugalhão,
Paulo Almeida Fernandes

TRADUÇÃO E REVISÃO

Carolina Grilo

DESIGN GRÁFICO

Sónia Teixeira Pinto

PRODUÇÃO GRÁFICA

Agora Lx

TIRAGEM

2000 exemplares

ISBN

978-972-8403-41-6

DEPÓSITO LEGAL

426803/17

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

DGPC – Direção Geral do Património Cultural
CIHUCT – Centro Interuniversitário de História das Ciências
e da Tecnologia - FCT - VISLIS Projeto PTDC/IVC-HFC/3122/2014 -
Visões de Lisboa. Ciência, tecnologia e medicina e a construção de uma capital
tecnológica, 1870-1940
Fundação Millennium – BCP

Colaboração (Museu de Lisboa)

Aida Nunes; Carlos Cabral Loureiro; Carolina Grilo; Henrique
Carvalho; Joana Cintra Gomes; José Avelar; Margarida
Rodrigues; Mariana Botelho; Mário Nascimento; Rita Fragoso
de Almeida; Rosário Dantas; Jorge Fonte (FRESS)

Agradecimentos

Ana Simões; Ana Vale; António Morgado; Aristides Mendes;
Cabido da Sé de Lisboa; Casa do Alentejo; Casinhas Antunes
Ld.^a; Castelo de S. Jorge; Cláudia Manso; Empresa Augusto
de Oliveira Ferreira & Companhia Ld.^a; Fátima Ribeiro; Fernando
Jorge; Inês Teles; Manuel Francisco Costa Pereira; Mário Cachão;
Mestre Fausto; Miguel Gil; Pedro Inácio; Victor Filipe

PARCERIA INSTITUCIONAL





Salvador



S. Thiago

S. Luzia

S. Helena

S. Mateus

S. das Mercês

Aguarda

S. Pedro



Chafariz novo



Chafariz d'El-Rei

S.^{ta} Engracia

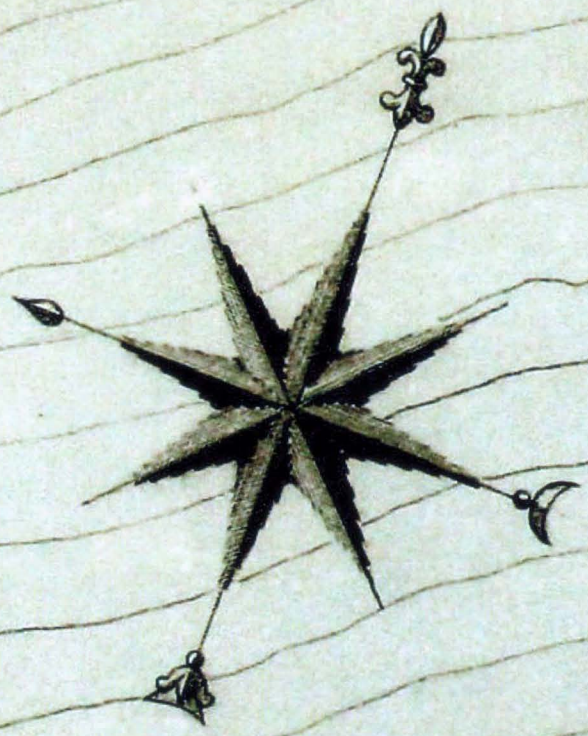
Fundição da Artilheria

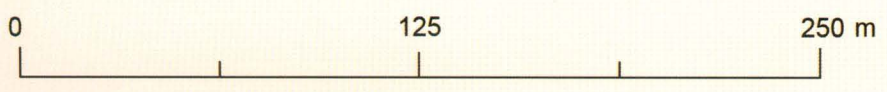
Porta da Cruz

Fundição da Artilheria

Parte 2

TEJO





Pré-História

1 - Travessa das Dores



Parte 2

Contributos da Arqueologia para o estudo dos pavimentos de Lisboa

Pré-História

Pavimentos pré-históricos de Lisboa: o povoado da Travessa das Dores (Boa-Hora) e outras ocorrências

João Luís Cardoso, Nuno Neto & Paulo Rebelo

Resumo

Publicam-se os vestígios de pavimentos pré-históricos até ao presente reconhecidos através de escavações arqueológicas efetuadas na área do concelho de Lisboa.

Os testemunhos mais importantes foram identificados no sítio da Travessa das Dores, onde se identificou um conjunto de fossas defendidas por fosso circundante, escavadas nas formações argilo-margosas cretácicas. A tipologia dos materiais coevos da abertura destas estruturas negativas remonta ao Neolítico Final. No decurso da colmatação do fosso, ocorrida no decurso do Calcolítico, foram identificados dois pavimentos, ambos integráveis no Calcolítico Pleno/Final. O mais antigo encontra-se representado por lajeado, constituído por blocos irregulares de calcário de médias dimensões, muito incompleto, assente na base do fosso, encontrando-se sobreposto por diversos depósitos resultantes da sua progressiva colmatação. Entre estes, ocorre um outro pavimento, de coloração clara, constituído por uma argamassa argilo-margosa muito compactada e dura. Este piso relaciona-se com a presença, nas imediações, de estruturas de combustão, configurado uma ocupação de carácter habitacional circunscrita.

No povoado de encosta da Tapada da Ajuda do Bronze Final, das diversas estruturas habitacionais ali identificadas, destaca-se uma cabana de planta elipsoidal, cujo piso era constituído por terra batida basáltica, de mistura com abundantes fragmentos de conchas utilizadas na alimentação e alguns ossos de vertebrados, fraturados *in situ* devido ao pisoteamento.

Enfim, no povoado de Vila Pouca, no limite da serra de Monsanto, do lado do vale da ribeira de Alcântara, foi identificado no decurso das escavações efetuadas em 1959 um empedrado de planta circular, funcionalmente atribuível a uma lareira-calorífero, reportada ao Neolítico Final. Embora tal estrutura não corresponda propriamente a um pavimento, o facto de corresponder a uma superfície estreitamente relacionada com um piso de ocupação, no qual se inseria, justifica a sua inclusão neste trabalho.

Abstract

In this article we present the remains of prehistoric pavements identified in the Lisbon region during archaeological excavations.

The most important pavement remains were found in Travessa das Dores settlement, where several pits surrounded by a ditch excavated in Cretaceous clay-marly formations were found. The artefacts dates from Late Neolithic. During the ditch's closure, which occurred along the Chalcolithic, two pavements were identified both dated from Full/Late Chalcolithic. The oldest one, of flagstone, very incomplete, is made of irregular medium blocks of limestone, laid at the ditch's base and it is superimposed by several deposits resulting from its progressive clogging. In an upper level, another pavement occurs, consisting of a very compacted light-colored mortar-clay. This floor is related to the presence, in the vicinity, of several combustion structures, related to a circumscribed occupation.

In the Late Bronze Age settlement of Tapada da Ajuda, implanted on a gently slope dominate the Tagus estuary, several housing structures were identified, and one of them, an ellipsoidal hut, has a pavement made of basaltic earth beaten with abundant shells fragments and bones, fractured *in situ* due to trampling.

Finally, in the Vila Pouca Late Neolithic settlement, at the edge of the Serra de Monsanto, over the Alcântara river valley, a circular stone pavement was identified during the excavations carried out in 1959, which can be classified as a fireplace. Although such a structure does not properly correspond to a pavement, the fact that it is closely related to an occupancy floor on which it was built justifies its inclusion in this work.

Pavimentos pré-históricos de Lisboa: o povoado da Travessa das Dores (Boa-Hora) e outras ocorrências

João Luís Cardoso

Nuno Neto

Paulo Rebelo

Características gerais do sítio arqueológico

A escavação parcial do povoado pré-histórico identificado na Travessa das Dores (à Boa-Hora), cujos principais resultados já foram publicados (Neto, Rebelo, Cardoso, 2015), baseados na intervenção realizada pela empresa Neoépica, L^{da}, foi determinada pela construção de um novo edifício no local interessado pelos trabalhos arqueológicos. Estes permitiram evidenciar a presença, no subsolo da cidade de Lisboa, de um notável sítio arqueológico, constituído por numeroso conjunto de fossas escavadas no substrato geológico, de idade cretácica, constituído essencialmente por argilas e margas, as quais se encontravam defendidas por um fosso de assinaláveis dimensões, que as envolve, situado na parte inferior de extensa e suave encosta que, descendo do alto de Monsanto, atinge o estuário do Tejo (Fig. 1).

O conjunto das estruturas negativas identificadas – fossas e fosso que as circunda – configura funcionalmente o que se poderia designar por celeiro pré-histórico, interpretação que não é incompatível com a hipótese

do local ter sido permanentemente habitado, sem que corresponda à tradicional noção de povoado, pois as estruturas habitacionais com essa função são pouco evidentes. Os espólios indicam que a principal ocupação do sítio ocorreu no Neolítico Final, época em que teriam sido abertas todas as estruturas negativas encontradas, tanto as fossas como o fosso que as circunda; com efeito, ao nível das produções cerâmicas decoradas, são quase exclusivos os recipientes com bordo denteado, associados, entre as formas lisas, às produções carenadas. Se a colmatação das fossas foi relativamente rápida e, até nalguns casos aparentemente intencional, como sugere a localização das aberturas das mesmas, já a colmatação do fosso foi mais lenta, tendo decorrido no decurso do Calcolítico Pleno/Final. Nessa altura, procedeu-se à construção de diversas estruturas habitacionais no seu interior, acompanhadas de produções cerâmicas decoradas características daquela época (grupo da “folha de acácia” e “crucífera”), de onde estão ausentes

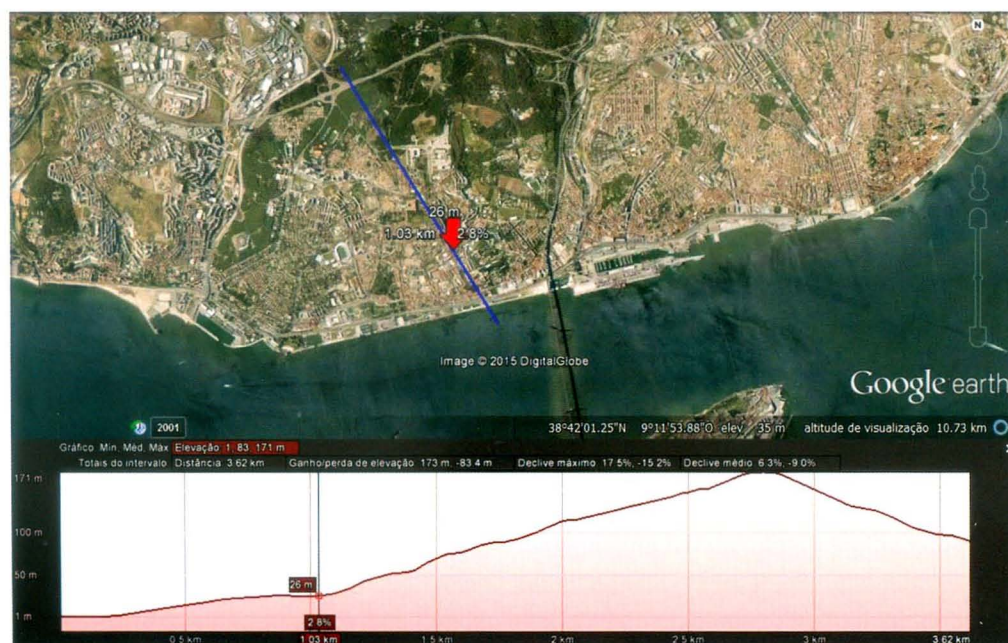


Fig. 1 : Travessa das Dores. Localização do sítio arqueológico, na parte inferior de encosta que partindo da margem direita do estuário do Tejo, atinge a serra de Monsanto (© Google Earth)

as produções campaniformes, bem como, na prática, as do Calcolítico Inicial, representadas apenas por número residual dos conhecidos copos com decoração canelada.

Do ponto de vista económico, para além das atividades relacionadas com a economia alimentar, como a pesca, a intensa recolha no estuário do Tejo e a caça, importa destacar a prática da metalurgia, no Calcolítico Pleno.

Os pavimentos

A escavação do interior do fosso no setor oeste permitiu a identificação, na fase 1D, correspondendo a acelerada colmatção do fosso durante o Calcolítico Pleno/Final, de diversos pavimentos, indício das unidades habitacionais ali então edificadas. Deste modo, o fosso foi objeto de uma reutilização de carácter habitacional, perdida a sua anterior função defensiva.

Foi possível distinguir pelo menos dois níveis de ocupação. O mais antigo encontra-se associado à U.E. [1225] (Fig. 2). Trata-se de um pavimento lajeado em

pedra calcária de médias e grandes dimensões, bastante danificado. Esta estrutura lajeada foi apenas identificada numa área muito restrita, correspondente ao local onde se previa a construção de uma das sapatas do edifício. Importa mencionar que não foi possível conhecer a sua real dimensão e geometria, por um lado devido à afetação prévia da mesma, por outro pelo facto da intervenção arqueológica ter privilegiado a manutenção *in situ* de todos os contextos que não fossem afetados pela obra, o que não possibilitou a escavação em área de todas as estruturas identificadas.

Esta estrutura situa-se no interior do fosso, no local indicado na Fig. 3, e na zona mais profunda do mesmo, justificando a conclusão da sua maior antiguidade face aos restantes níveis de pavimentos ali encontrados.

Momento de ocupação do interior do fosso mais recente que o anterior é o representado pela U.E. [1186]. Corresponde a um piso em terra batida, essencialmente formado por argila compactada e margas esbranquiçadas, que funcionaram como ligante, permitindo uma excelente compactação do piso (Fig. 4). As margas utilizadas

Fig. 2 : Travessa das Dores. Troço de pavimento lajeado, constituído por blocos calcários irregulares de médias dimensões, U.E. [1225], correspondendo ao primeiro momento de ocupação/colmatção do interior do fosso, no decurso do Calcolítico Pleno/Final (© Neoépica).



Fig. 3 : Vista geral do setor oeste sendo visível o piso lajeado U.E. [1225]. Note-se que nem todas as estruturas visíveis, correspondem ao mesmo plano de ocupação: é nítida a maior profundidade do piso lajeado em apreço e a sua sobreposição por estruturas pétreas situadas no espaço adjacente (© Neoépica).

Fig. 4 : Travessa das Dores. Piso em terra batida, U.E [1186], constituído por argila e margas esbranquiçadas compactadas, correspondendo ao segundo momento de ocupação/colmatção do interior do fosso, no decurso do Calcolítico Pleno/Final (© Neoépica).

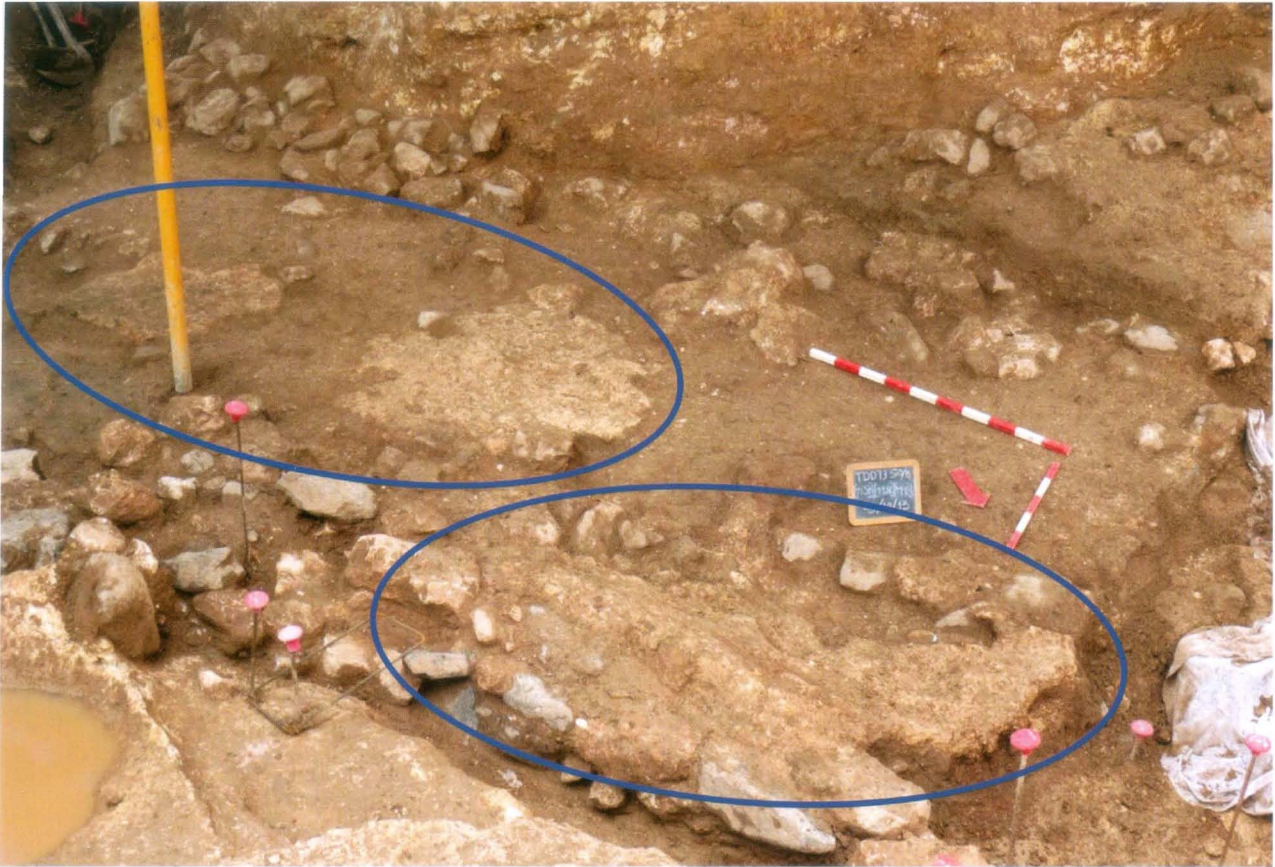


Fig. 5 : Travessa das Dores. Piso em terra batida, U.E. [1186], constituído por argila e margas esbranquiçadas compactadas, implantado na área central do setor oeste do fosso, correspondendo ao segundo momento de ocupação/colmatação do interior do fosso, no decurso do Calcolítico Pleno/Final (© Neoépica).

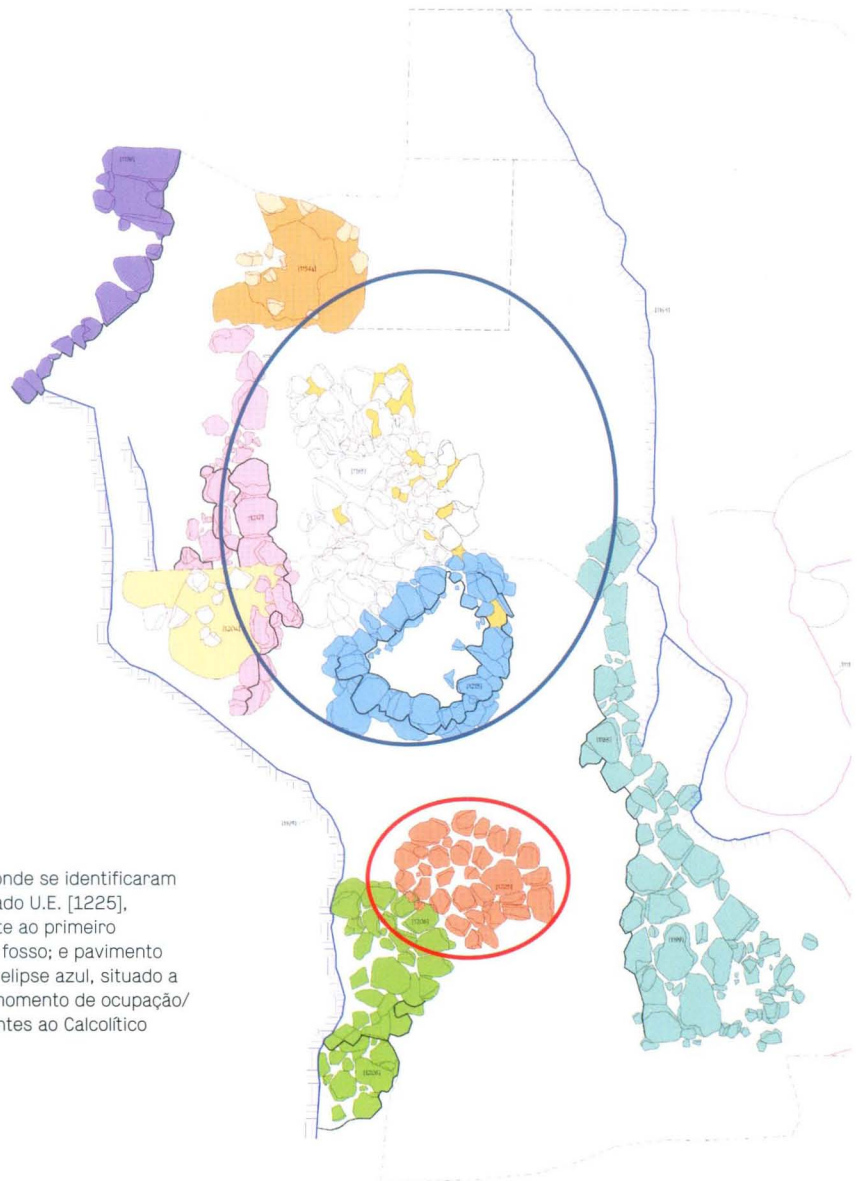


Fig. 6 : Travessa das Dores. Localização da área onde se identificaram os pavimentos referidos no texto: pavimento lajeado U.E. [1225], correspondente à elipse vermelha, correspondente ao primeiro momento de ocupação/colmatação do interior do fosso; e pavimento de argila e margas U.E. [1186], correspondente à elipse azul, situado a uma cota superior, correspondente ao segundo momento de ocupação/colmatação do interior do fosso, ambos pertencentes ao Calcolítico Pleno/Final (© Neoépica).

são de origem local, tal como os blocos calcários, pelo que se reuniam condições favoráveis à construção tanto de estruturas em alvenaria argamassada, como, simplesmente, de natureza argilo-margosa, como é o caso. Este piso encontra-se, tal como o anterior, bastante danificado, sendo visível apenas alguns pequenos troços, que se distribuem essencialmente pela área central do setor oeste da intervenção arqueológica (Figs. 5 e 6). Associadas a este piso foram identificadas algumas estruturas de combustão, descritas no artigo já publicado (Neto, Rebelo, Cardoso, 2015).

Outras ocorrências

Na área do concelho de Lisboa, embora se tenham identificado noutros locais estruturas habitacionais pré-históricas, em nenhum deles se observaram indícios de pavimentos, como os supra descritos. Assim, no povoado neolítico de Vila Pouca, foi posto a descoberto, no decurso das escavações ali realizadas em 1959 um empedrado de planta circular, correspondente por certo a uma lareira-calorífero, como outras conhecidas na mesma época, o qual foi então integralmente removido (Moita, 1967, Fig. 51, n.º 1 e 2), sem que, no entanto, fosse referida a existência de qualquer piso ou pavimento com o qual aquela estrutura estava necessariamente relacionada. No entanto, estando a referida estrutura estreitamente relacionada com um pavimento ao nível do qual desempenharia as suas funções, considerou-se justificada a sua inclusão neste contributo (Fig. 7).

Por último, nas escavações dirigidas por um de nós (J.L.C.) no povoado de encosta da Tapada da Ajuda do Bronze Final, foi identificada uma cabana de planta

elipsoidal incompletamente escavada (Fig. 8) por ter sido a estação destruída por ordem da Direção do Instituto Superior de Agronomia no decurso das escavações (Cardoso *et al.* 1986; Cardoso & Silva, 2004).

A observação do interior daquela estrutura, na parte onde a escavação tinha removido já os derrubes constituídos por blocos basálticos, evidenciou a existência de um piso terroso, de natureza basáltica, muito compactado, incluindo fragmentos de conchas e de ossos de animais fraturados *in situ* pelo pisoteamento. Estava-se, por conseguinte, numa situação completamente distinta da identificada e descrita no povoado da Travessa das Dores.

Fig. 7 : Vila Pouca. Lajeado de planta circular, correspondendo a lareira-calorífero (seg. Moita, 1967, Fig. 51, 1).



Fig. 8 : Tapada da Ajuda. Embasamento de cabana de planta elipsoidal, incompletamente escavada no seu interior, observando-se pontualmente o piso de habitação da mesma constituído por material terroso basáltico, fortemente compactado, com abundantes restos de conchas e alguns ossos de mamíferos fraturados *in situ* devido a pisoteamento (© João Luís Cardoso).